

não será por certo estigmatizada com o ostracismo do tumulto a memoria dos arautos da geração hodierna.

Mas não precisais, Srs. Bachareis, que com grosseiro pincel eu manche o bello quadro, que vossa imaginação activa e feliz vos terá mais de uma vez affigurado. Venho apenas transmittir-vos cordial voto de gratidão e fraternal amplexo, que, agradecendo ao vosso convite, vos dirige a sociedade *Ensaaios Litterarios*.

Rio, 2 de Julho de 1864.

JOAQUIM MARQUES DA CRUZ JUNIOR.

O FESTIM DO CEMITERIO.

(CONTO PHANTASTICO).

AO MEU AMIGO M. J. PEREIRA FRAZÃO.

I.

Era uma noite escura e medonha. O trovão fazia echoar em todo o espaço a sua voz de bronze; — os relampagos phosphorejavão no horizonte em um movimento continuo; — o mar ao longe bramia, soltando agudos gemidos, — e a chuva cahia a cantaros!

Parecia que o genio das tempestades soerguendo-se em suas negras azas dictava a uma cohorte de furias o completo exterminio da criação! Era a natureza em luta com os elementos!...

As casas do curato de N... conservavão-se fechadas, ermeticamente fechadas: nem uma luz, nem um vestigio que denunciasse a existencia de um ser humano.

Apenas o mocho, o augureiro cantor das trevas, soltava de

quando em vez um lugubre piar, que sendo levado por entre as fortes rajadas do vento, semelhava o cantico funebre dos sepulchros, ou o rir infernal do demonio ás ultimas convulsões de suas victimas!

Era horrivel!!!...

II.

O caminho que conduz do pequeno curato de N... á cidade de C... é um estreito e tortuoso carreiro, completamente deserto.

Os grandes arvoredos que lhe orlão os lados, a densidade dos arbustos que ahi se agglomerão, dão-lhe um ar sombrio e phantastico que faz estremecer de pavor, muitas vezes, o coração dos poucos viajantes que por elle passam.

Além disto, o unico lugar descampado que ha, e a que os habitantes do paiz dão-lhe o apropriado nome de *Campo-negro*, é povoado por um cemiterio em ruinas, onde a crença popular tem feito o theatro de mil factos singulares.

Perguntai por cada uma dessas lendas a qualquer morador do curato, e elle depois de benzer-se duas ou tres vezes, vól'a contará na linguagem expressiva do povo, possuido de tal convicção, e apoiando-a de tantas circumstancias, que ver-vos-heis na necessidade de acreditar'o, ou de meditar profundamente no phantastico da tradicção.

Nem um delles, inda mesmo que lhe promettaes os thesouros de Monte-Christo, se animará a transpôr de noite, e principalmente na de sexta-feira, a distancia que separa o curato da cidade: preferem fazer um caminho muito mais longo a passarem pelo *Campo-negro*.

III.

Nessa noite, porém, que acabamos de descrever, um homem abria cauteloso a porta de sua casa, e entre os horrores da tempestade marchava em direcção á estrada, que vai do curato á cidade.

Embuçado em uma longa capa, com um chapéo que lhe encobria a frente, e com um grande punhal atravessado á cinta, elle toma precipitadamente o caminho como que impellido por uma força sobre-natural.

Nem o raio que cahia a seus pés, derribando as gigantescas atalaias da floresta, nem a corrente que impetuosa se despenhava, talando os campos e os montes, nada, nada o fazia demover do seu proposito: o seu pensamento era fixo e inabalavel, como o rochedo contra quem luta debalde o embate das ondas!...

Oh! quem seria o louco que, zombando assim das crenças de todo um povo, dirigia-se a essas horas a um lugar reputado maldito, aonde nenhum outro se animava a ir?! Quem seria o precito que affrontando os proprios elementos, conjurava dest'arte as iras do céu, a cujo poder tudo parecia curvado?!...

IV.

Mauricio (assim se chamava o nosso desconhecido) era um mancebo de temperatura ardente e caracter fogoso, que tinha aprendido um pouco de latim com o cura, e que com o vinho das orgias tinha igualmente bebido o gelo da descrença.

Na idade de vinte e dous annos, que então contava, tinha já perdido os seus pais, honestos e industriosos agricultores, que, á força de uma severa economia, o deixárão unico senhor de uma modesta fortuna.

Só, sem ter quem guiasse os seus passos na escabrosa estrada da vida, sem um parente ou um amigo que o aconselhasse, elle costumava ir repetidas vezes á cidade, onde tinha uma amante, e onde em companhia de outros rapazes, entre o vinho e as cartas, gastava quasi sempre o dinheiro que levava.

Sem participar das crenças dos seus patricios, a quem chamava supersticiosos e visionarios, encarando as cousas debaixo de um prisma todo differente, Mauricio passava sempre e a qualquer hora por esse caminho, que vai do curato á cidade, com a maior indifferença possivel.

Era, portanto, para as orgias, para os braços da sua amante, a quem não via ha dias, que elle corria pressuroso com semelhante tempo; mas dessa vez a sua curiosidade foi seriamente despertada, quando ao chegar a uma pequena distancia do *Campo-negro*, ouviu como que umas vozes, que partião do cemiterio.

Ao principio quiz elle attribuir isso ao ciciar do vento na folhagem das arvores; porém, ao passo que mais se aproximava, mais distinctas se tornavão essas vozes: já não era pois uma apparencia, uma chimera; — era uma realidade !...

V.

Mauricio, tão veloz como o pensamento, e com o punhal na dextra, galga em dous pulos a distancia que o separa do cemiterio: franqueia as paredes desmoronadas e salta dentro.

Horror!!...

Sobre a campa de um sepulchro jazia um cadaver dilacerado. Uma multidão de esqueletos com gestos endemoniados o rodeavão; e fazendo desapparecer todos os seus membros com uma voracidade incrível, bebião em craneos reluzentes um sangue negro e putrido, que infeccionava o ar!!...

De todas as sepulturas levantávão-se fachos de uma côr azulada para illuminarem esse horrivel festim, e de sob a terra sahião gemidos tão prolongados, suspiros tão magoados, que se ião infiltrar um a um no coração do temerario mancebo!

Dir-se-hia que Satanaz, nessa hora, sentado sobre o seu throno de fogo, dava *rendez-vous* a todas as furias do inferno!

Mauricio estava como que petrificado sobre seus pés: seu punhal havia-se-lhe escapado insensivelmente das mãos; e elle que jámais tivera medô, sentia sua coragem abandonal'o pelas copiosas bagas de suor, que lhe sahião do corpo.

De repente sentio uns labios frios, frios como o marmore, que lhe pousavão nas faces, e uns braços descarnados, que o apertavão convulsivamente: olhou e achou-se nos braços de um cadaver, nos braços de sua amante que já era morta!!...

Um grito agudo escapou-se-lhe do imo do peito, e com elle uma gargalhada estridente repercutio no espaço!...

.

IV.

No outro dia, dous viajantes, que passavão pelo *Campo-negro*, virão um homem estendido dentro do cemiteriô.

Tomados de medo, e na duvida de que seria ou não algum phantasma, permanecião em expectação e a fazerem diversas conjecturas, quando um delles, vencendo a sua propria repugnancia, ahi entrou, e reconheceu Mauricio.

Estando convencido de que este ainda vivia, chamou o seu companheiro; e, fazendo uma padiola de ramos, o conduzirão para sua casa no curato, onde, graças aos cuidados que lhe forão prodigalisados, tornou a si depois de algumas horas.

Uma febre devoradora, porém, o teve prostrado por muito tempo na cama entre a vida e a morte; e, ou fosse o vigor da mocidade, ou fosse promptidão com que lhe applicarão os remedios, elle vio-se emfim escapo, conservando todavia uma dolorosa impressão sobre o seu semblante.

A noticia desse estranho acontecimento circulou immediatamente por todo o curato, e a estrada do *Campo-negro* ficou, de uma vez para sempre, interceptada, pesando sobre ella um anathema geral.

CICERO PONTES.

IMPRESSÕES.

Como é bello, pathetico e edificante, o que ora presenciemos aos domingos, quando vamos assistir ao santo sacrificio da missa!

